

Bancos vendem dívida

GAZETA MERCANTIL

por Celso Pinto
de Londres

Uma radiografia do comportamento de catorze entre os maiores bancos norte-americanos nos dois últimos anos encerrados em junho deste ano leva a duas conclusões importantes. Os bancos estão hoje menos vulneráveis, depois de vender um expressivo volume de dívidas do Terceiro Mundo, mas suas provisões para perdas são dramaticamente menores do que a média dos bancos europeus.

O banco de investimentos norte-americano Salomon Brothers publicou há duas semanas uma análise do comportamento de catorze grandes bancos norte-americanos, incluindo quatro da Costa Leste, além dos "money center banks". Os dados incorporam os resultados mais recentes do primeiro semestre deste ano.

Os números são claros.

Os bancos continuaram, no último ano encerrado em junho, a vender dívidas de países subdesenvolvidos numa tentativa de reduzir seus portfólios e sua vulnerabilidade. Em dois anos encerrados em junho, o portfólio total desses bancos, descontadas suas provisões para perdas, caiu 18,2%, de US\$ 51,915 bilhões para US\$ 42,472 bilhões.

Com isso, foi possível reduzir sensivelmente a vulnerabilidade. A relação entre o total líquido de empréstimos ao Terceiro Mundo e o capital desses catorze bancos, que ainda estava, em média, em 134% em junho de 1987, caiu para 75% em junho deste ano. Em outros termos, na média, os grandes bancos norte-americanos já não correm mais o risco de falir, ou seja, de não dispor de capital suficiente caso não recebam mais um único centavo de dívidas do Terceiro Mundo.

A situação geral, contudo, esconde, nesse caso, situações muito particulares. Quatro grandes bancos, o Manufacturers Hanover (189%), o Bank of America (122%), o Chemical (110%) e o Chase Manhattan (105%) ainda têm mais dívidas em países em desenvolvimento do que capital. No caso do Manufacturers, as dívidas correspondem a quase duas vezes seu capital, uma posição bastante desconfortável, embora melhor do que há dois anos, quando a relação chegava a 302%.

A vulnerabilidade dos bancos norte-americanos

aumenta quando se analisam os números das provisões para perdas nesses empréstimos. Em junho último, para um portfólio bruto total desses empréstimos de US\$ 58,964 bilhões nos catorze bancos, havia reservas para perdas de US\$ 13,932 bilhões, ou seja, 23,6% do total, em média.

E um total claramente insuficiente quando comparado ao valor de negociação desses empréstimos no mercado secundário, onde o desconto mínimo tem ficado em torno de 50% do valor de fato — e, em alguns casos, chega a mais de 90%. E inadequado, também, quando comparado às provisões mantidas pelos bancos europeus. Os grandes bancos ingleses, por exemplo, elevaram suas provisões para muito perto de 50% no primeiro semestre deste ano, enquanto outros bancos europeus têm provisões ainda mais altas.

Há um relativo consenso sobre a necessidade de os bancos norte-americanos aumentarem suas provi-

sões para perdas — o presidente do Citibank, John Reed, admitiu isso numa entrevista publicada ontem pelo jornal inglês Financial Times. O que os números do Salomon Brothers mostram é que para vários grandes bancos ainda é muito difícil um passo maior nesta direção.

Também no caso do valor das provisões, a posição mais vulnerável entre os catorze grandes bancos é a do Manufacturers Hanover que tinha, em junho, provisões equivalentes a apenas

(Continua na página 32)

O embaixador brasileiro em Washington, Marcílio Marques Moreira, disse ontem em Brasília que há uma perspectiva de se firmar um acordo interino entre seis e nove meses com o Fundo Monetário Internacional. Alguns credores, entretanto, não se mostraram tão otimistas sobre um entendimento sem que se concretizassem mudanças políticas no País.

(Ver página 28)

Bancos vendem dívida

por Celso Pinto
de Londres

(Continuação da 1ª página)

18,5% de seu portfólio de US\$ 8 bilhões em empréstimos ao Terceiro Mundo. O Bank of America tinha provisões equivalentes a 29,7% do seu portfólio de US\$ 8,4 bilhões.

Mesmo não tendo folgas em suas provisões para perdas, a tendência inequívoca dos bancos norte-americanos tem sido a de se desfazerem de empréstimos ao Terceiro Mundo. O portfólio líquido desses empréstimos só aumentou, nos dois últimos anos, em um único caso, o do Bank of New York. O Bank of Boston aumentou sua "exposure" no último ano, mas ela ainda é 30% menor do que a registrada em junho de 1987.

O Citicorp cortou seu portfólio em 20,5% nos dois anos encerrados em junho último, o Bank of America em 24,3%, o Chase em 19,1%, o Morgan em 14,1%, o Manufacturers em 9,4%, o Bankers Trust em 3,2% e o Chemical em 1,4%. Alguns outros bancos venderam empréstimos de forma ainda mais significativa.

O Wells Fargo, banco da Costa Leste, cortou em nada menos do que 85,7% sua carteira de empréstimos ao Terceiro Mundo — que ficou tão inexpressiva, com US\$ 163 milhões, que deixou de necessitar provisões para perdas. Outro exemplo é o First Chicago que vendeu metade de seus empréstimos e ainda decidiu fazer provisões equivalentes a 42% do US\$ 1,866 bilhão que restou. Obviamente, é um banco que pode sair fora desta área de atuação com tranquilidade.

O Security Pacific cortou em 64,3% seu portfólio neste período, o First Interstate em 50,7% e o Republic em 28,3%.

Na média, como foi dito, os catorze bancos cortaram seu portfólio em 18,2%, ou seja, em US\$ 9,443 bilhões. A absoluta maioria desse total explica-se pela venda de ativos, embora tenha havido também algum repagamento de principal, certa-

mente em montante relativamente irrisório.

Pela ordem, os que ainda tinham os maiores portfólios em empréstimos ao Terceiro Mundo, líquidos de provisões, ao final de junho último são o Citicorp (US\$ 9 bilhões), o Manufacturers (US\$ 6,520 bilhões), o Bank of America (US\$ 5,9 bilhões), o Chase (US\$ 5,4 bilhões), o Chemical (US\$ 4,486 bilhões), o Morgan (US\$ 3,480 bilhões) e o Bankers Trust (US\$ 2,905 bilhões).

Não por acaso, quatro entre estes sete maiores credores do Terceiro Mundo ainda têm uma relação entre o portfólio de empréstimos e seu capital superior a 100%. Apenas o Citicorp (86%), o Morgan (57%) e o Bankers (81%) têm uma situação um pouco mais confortável.

Para alguns bancos médios, como o Wells Fargo, o Security Pacific, o First Interstate ou o Bank of Boston, os empréstimos ao Terceiro Mundo hoje pesam tão pouco em relação ao capital que seria factível aceitar uma política mais agressiva de absorção de perdas nesses empréstimos. Obviamente, no entanto, a política norte-americana na questão da dívida reflete a situação dos maiores bancos credores privados e ela é muito menos confortável.

Independentemente da diferença interna na posição dos bancos norte-americanos, de todo modo, parece inequívoco que a tendência geral é na direção de sair fora dos empréstimos a países em desenvolvimento. Isso explica por que a redução da dívida passou a ser aceitável para os bancos como um todo e transformou-se num dos pilares do chamado Plano Brady (do secretário do Tesouro Nicholas Brady).

Outra conclusão também se segue. Por mais que todos os planos para a dívida falem na volta dos empréstimos voluntários como objetivo final, olhando o comportamento dos grandes credores, hoje, fica difícil vislumbrar quando ou se isso realmente vai acontecer.